

A representação da cultura de uma língua minoritária: manuais de português na França

Maria Teresa Travassos Valdez
University of Massachusetts Dartmouth

Abstract/Resumo: esta pesquisa pretende colocar em evidência a atual situação de ensino/aprendizagem da língua portuguesa em França, país que partilha com os Estados Unidos a ideia de que estamos perante uma língua minoritária. Assim a pesquisa centrou-se na análise dos manuais de língua em uso naquele país e nos elementos culturais apresentados, tendo por base os pressupostos do *Quadro Europeu Comum de Referência* (QECR) e como estes elementos podem ou não influenciar a visão do país por parte dos falantes de herança.

Palavras-chave: avaliação de manuais, manual, elementos culturais, estereótipo, falantes de herança, português língua estrangeira.

Introdução

A língua portuguesa tem hoje ainda uma forte representação, sobretudo nos países onde há uma maior presença de imigrantes falantes de português. Em termos de contexto francês, a língua portuguesa atravessou um longo e problemático processo até que fosse vista como língua de aprendizagem por parte de autoridades e habitantes. Na base de toda esta problemática assenta não só a fraca imagem que os franceses tinham destes falantes lusófonos, mas sobretudo a forte política de ensino de línguas estrangeiras do governo francês, baseada na promoção daquelas que teriam um forte impacto na economia do país.

A par da avaliação dos manuais e dos elementos culturais que neles surgem, há uma preocupação com a adequação destes aos ambientes de uso, sobretudo nos casos em que dentro de uma mesma sala de aula convivem alunos de herança e de não herança. O objetivo desta pesquisa é então analisar os elementos socioculturais, e saber como os mesmos se adequam a um público maioritariamente constituído por falantes de herança, como é o caso francês e norte-americano.

O ensino do português em França teve desde sempre vários públicos-alvo, entre os quais se destacam, por razões óbvias, os filhos de imigrantes, mas também os estudantes franceses (crianças e adultos). À semelhança do que acontece nos Estados Unidos, falantes de português ou com origem em países lusófonos que ainda têm algum controlo da língua (pelo menos a nível da oralidade) escolhem estudar português ainda no ensino básico e secundário de forma a manterem o contacto com as suas origens. Mas em França o ensino não se faz exclusivamente pelos métodos tradicionais, uma vez que existe uma vertente de ensino à distância, de enorme divulgação e importância - *Centre National d'enseignement à distance* - denominado tradicionalmente por CNED. Este organismo foi criado em 1976 para todos os níveis de ensino, sendo que em 1987 e segundo Parvaux (1989), o ensino do português era já assegurado pelo CNED de Rennes para o secundário, ao mesmo tempo que para o primeiro ciclo era assegurado, nessa altura, por Rouen.

França passou, tal como tantos outros países, por uma fase de uso de manuais utilizados em Portugal que nem sempre estavam adaptados ou eram próprios para as necessidades dos aprendentes ou dos programas do país. Mais recentemente, tem havido um grande desenvolvimento na publicação de manuais para o ensino do Português, havendo já manuais para os vários níveis de ensino e públicos aprendentes. Excluindo os materiais audiovisuais de ensino, é possível encontrar cerca de onze manuais de publicação exclusivamente francesa nas páginas da Embaixada Portuguesa em França. Os manuais que são aconselhados pelo Centro de Coordenação do Ensino do Português em França incluem não só os de publicação francesa, mas acrescentam cerca de trinta e quatro livros de publicação portuguesa, distribuídos por todos os níveis de ensino, desde o ensino nas escolas primárias até ao ensino universitário.

Os antecedentes e a importância do estudo

Como vários autores referem, a problemática do ensino a falantes de herança é hoje um dos tópicos de urgência para as aulas de línguas minoritárias (Carreira & Kagan, 2011; Parodi, 2008; Valdés, 2001, 2005; entre outros). Este facto remete-nos para a imagem que os falantes de herança têm dos seus países de origem (Feuerverger, 1991), na sua maioria, uma ideia desatualizada e até errada daquilo que é a cultura de um povo e a imagem que esse povo tem de si mesmo.

Dentro desta perspetiva não somente os manuais devem conter os elementos socioculturais dos países falantes de língua portuguesa, mas introduzir todos os elementos que constituirão o conhecimento sociocultural relativo à língua de aprendizagem e suas variantes. Por isso, a pesquisa sobre os manuais de português língua estrangeira deve focar-se nestes e naqueles elementos que têm vindo a surgir continuamente nos manuais publicados no estrangeiro. A história dos manuais de língua estrangeira em França caracteriza-se pela publicação de um número diminuto de manuais, indo ao encontro do seu carácter minoritário e aproximando o objeto de estudo da realidade norte americana.

Assim, revela-se importante uma análise de como a língua portuguesa é vista nos vários países onde é ensinada, e como é feita a introdução dos elementos culturais apresentados nos manuais. Estes elementos veiculam um conhecimento que pode ou não transformar a maneira como os aprendentes reagem à língua, tendo sempre por base um princípio de veracidade que facilitará o processo de interiorização dos aspetos mais individualizadores dos países de portuguesa.

Atualmente a análise de manuais prima pela exploração dos elementos que o irão melhor definir e servem de base de seleção daqueles que procuram o melhor guia de ensino, colocando em realce conteúdos programáticos, temáticas, estrutura,

organização e até a sua apresentação. Grosso (2007) oferece-nos um quadro interessante e funcional de avaliação destas obras e Tavares (2008) constrói uma tabela geral de avaliação. Esta tabela tem a vantagem de ser de fácil preenchimento e é adequada aos manuais de língua estrangeira, focando os elementos de organização externa e interna.

A temática da avaliação de manuais e a definição de manual enquanto obra de suporte à aprendizagem foram focados por Germain (1993), onde o autor destaca a ideia de que o manual deve ser analisado tendo em conta um conjunto de critérios, partindo daquilo que Bertolotti e Dahlet (1984) já tinham feito para a análise dos manuais de francês língua estrangeira.

A palavra “manual” sempre foi ouvida no dia-a-dia, quer se referisse a um manual escolar ou a um simples manual de acompanhamento de um qualquer objeto que requeresse montagem, por exemplo. Contudo, esta conceptualização ainda não está hoje bem definida e é uma área aberta a múltiplas definições, entre as quais se destaca a de Alain Choppin (1992, p.10):

(...) tout ouvrage imprimé non périodique conçu dans l'intention, plus ou moins explicite ou manifeste suivant les époques, de servir à l'enseignement. (toda a obra impressa não periódica concebida com essa intenção, mais ou menos explícita ou manifestada consoante as épocas, para servir ao ensino)

De facto quer a sua definição quer a sua avaliação é assunto de múltiplas pesquisas, sobretudo ligadas à didática das línguas estrangeiras, e é sob esse prima que nos centramos nesta pesquisa na análise daqueles que são os elementos culturais apresentados nos manuais em uso em França e como os mesmos podem transmitir uma imagem mais ou menos positiva desta língua minoritária. Quanto à sua definição, Awasthi (2006) fala-nos da sua importância para alunos e professores enquanto Johnsen (1993) destaca a ideia de que estas obras não são somente conteúdo a ensinar,

pedagogia, moral, política ou literatura e são sim uma amálgama de todos esses elementos. Simultaneamente Ribeiro (1991) reforça a ideia de que estas obras ligadas ao ensino acabam por estar sempre dependentes de um programa escolar, aspeto repetido por Dionísio e Bezerra (2001), embora sejam Hutchinson e Torres (1994) que melhor sintetizem a importância do manual como obra quase universal para o ensino.

Embora os manuais sejam o suporte do conhecimento escolar, muitas vezes ligados a um rígido programa escolar, deve haver coerência entre programas e conteúdos. Num manual de língua estrangeira a coerência deve ser ainda mais patente em toda obra, pedindo-se que haja clareza e rigor em todas as noções apresentadas, sem descuidar a apresentação gráfica. Quer em França, quer num qualquer outro país onde o português seja uma língua de aprendizagem, o manual é e será sempre o principal veículo de transmissão dos saberes linguísticos e culturais, saberes estes que acabarão por inserir o aprendiz na comunidade linguística da língua a aprender (Grosso, 2007).

Tendo em conta a Abordagem Comunicativa (baseada nas teorias linguísticas abordadas em Brown, 1994) a aprendizagem de uma língua não deve e não pode ser dissociada da cultura que a caracteriza e individualiza perante todas as outras e no caso específico da língua portuguesa o ensino da cultura é ainda mais importante, uma vez que revela uma multiplicidade de mundos culturais que coabitam, muitas vezes num mesmo espaço. Este é um dos aspetos mais visíveis nas escolas e universidades dos Estados Unidos, onde as várias variantes se cruzam diariamente, quer a nível de ensino, quer de falantes nativos.

Deste modo, os aspetos culturais presentes nos manuais são elementos indispensáveis para aqueles que aprendem uma nova língua, tal como refere Kramsch (1988), colocando os aprendentes perante o facto de que aprender uma língua é uma forma de confrontação de duas culturas (a sua e a do outro). Também Zarate (1986)

destaca a importância da introdução destes elementos na aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo estes os elementos que melhor delimitam as variantes, contribuindo de forma única para uma correta aprendizagem da língua nas suas mais diversas situações comunicacionais. A cultura pode ser transmitida através de textos, gravações, imagens ou até mesmo fotografias e estas são, como Sférian (1995) refere, a ideia do país e parte do conhecimento, uma vez que acompanham sempre uma situação comunicacional, tal como ilustrado pelo Conselho da Europa (2001).

A língua portuguesa destaca-se das demais pela pluralidade de culturas que a define, e é com base nessa visão que os manuais publicados nos vários países onde a língua é ensinada devem dar especial atenção aos elementos constituintes da cultura portuguesa.

O corpus

Para esta análise partiremos do *Quadro Europeu Comum de Referência*, uma vez que este se define nas suas páginas iniciais como uma “base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais etc., na Europa.” (Conselho da Europa, 2001, p.19).

Como critério para a constituição do nosso *corpus*, considerámos manuais não contextualizados, dirigidos a um público heterogéneo, publicados em França e em Portugal, num período de uso posterior ao ano de 2000. Por este motivo, a nossa pesquisa passará obrigatoriamente pela avaliação de um manual de publicação portuguesa (*Português XXI*, Tavares, 2004) e de grande uso em França, mas acima de tudo irá focar-se noutros dois: o manual *Espaços* (Ballesta e al., 1998), publicado pela primeira vez no ano de 1997 e o manual publicado pelo CNED (Gauthier & Santos, 2002).

Estamos perante um conjunto de manuais usados num espaço onde coabitam alunos de herança e alunos ditos tradicionais. Estes manuais apresentam na sua estrutura uma série de elementos que pretendem transmitir o que é a cultura dos países de língua portuguesa e como estes aspetos socioculturais podem ou não transmitir uma ideia real da atualidade do país visado, ou como tantas vezes vão ao encontro daquela imagem mais estereotipada que este específico grupo de alunos tem do país de origem dos seus familiares.

Espaços é, incontornavelmente, o manual que mais se destaca, dentro de toda uma panóplia de manuais de publicação francesa, não apenas por ter sido um dos primeiros manuais a ser publicado no país, mas por se apresentar como uma alternativa interessante a todos os outros. De facto, este é um manual destinado a um público aprendente elementar, para o sétimo ou nono ano de escolaridade, que privilegia a norma europeia, embora com constantes chamadas de atenção para outras normas, sobretudo a brasileira.

O manual intitulado *Portugais Première – cours et devoirs*, produzido pelo CNED, é relevante para este estudo, pois é o reflexo de uma modalidade de aprendizagem muito importante no país, dando a oportunidade a todos aqueles que querem aprender português o possam fazer mesmo que na sua área de residência esta não seja uma língua disponível nas escolas, liceus ou universidades. Por outro lado, remete-nos para uma maneira de olhar o ensino das línguas algo distinta daquela a que estamos habituados a ver nos manuais utilizados nas salas de aula, sejam elas numa escola primária ou no ensino universitário.

Critérios de base na avaliação de manuais

Como é do conhecimento geral, os critérios de análise de qualquer manual são variáveis de autor para autor. De uma perspectiva pedagógico-didática da análise de um manual de PLE, tendo sempre por base os princípios da Abordagem Comunicativa, o manual deve ser apenas um dos recursos para a aprendizagem.

Ensinar é expor os alunos a materiais autênticos (jornais, rádio, televisão, imagens, etc.), tal como Germain (1993) descreve. Portanto, devemos olhar para os manuais através de um conjunto de critérios, tais como aqueles propostos por Grosso (2007) e que são do nosso ponto de vista adequados ao trabalho de avaliação de um manual de língua estrangeira.

O estudo centrar-se-á na análise daqueles elementos que consideramos ser os mais pertinentes para o ambiente em que nos encontramos, e que têm a ver com a cultura. Os conteúdos culturais revelam as características do atual estado do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, e aproximam França dos Estados Unidos da América, na busca daquela que é a imagem mais fiel dos países de língua oficial portuguesa.

Elementos culturais

A língua não é apenas um aspecto fundamental da cultura, mas é também um meio de acesso a manifestações culturais. Muito do que acima foi dito se aplica de igual modo a um campo mais geral. Na competência cultural de um indivíduo, as várias culturas (nacional, regional, social) às quais esse indivíduo teve acesso não co-existem simplesmente lado a lado. São comparadas, contrastam e interagem activamente para produzir uma competência pluricultural enriquecida e integrada, da qual a competência plurilingue é uma componente que, por seu turno, interage com outras componentes. (Conselho da Europa, 2001, p.25)

No ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras é imprescindível a apresentação dos elementos de carácter sociocultural da língua que se está a aprender. Para o *Quadro Europeu Comum de Referência* (QECR) estes elementos constitutivos do conhecimento sociocultural de um povo são por si só complexos de apresentar e definir porque, em

termos europeus, podemos estar a falar de elementos comuns e simultaneamente de elementos que introduzem um elevado nível de diversidade (por exemplo regiões, mas também classes e etnias).

Na apresentação da cultura da língua-alvo, os autores dos manuais devem ter cuidado na representação da mesma, e sobretudo na representação daqueles elementos considerados estereótipos, na sua maioria identificados como aspetos de nível folclórico e que facilmente são encontrados nos livros de ensino para crianças. À luz do QEER estes são, na sua maioria, os elementos que de uma maneira ou de outra acabam por corresponder à imagem que cada povo tem de si mesmo, mas em nada correspondentes à vida quotidiana da população. Desta forma, deverão os autores de manuais de língua estrangeira ter atenção redobrada na seleção destes elementos e nunca descurar na busca de um equilíbrio, em função dos objetivos de aprendizagem, de forma a promover o desenvolvimento da competência cultural.

Estes elementos devem, de acordo com esta obra, estar presentes num manual de língua estrangeira, sempre que possível através de documentos autênticos. Além disso, o seu uso deve ser predominantemente comunicativo, tendo em vista a abordagem que está na base da sua elaboração. Isto é o que o QEER nos diz em teoria, mas na prática nem sempre tal é possível, sobretudo se considerarmos primordial o recurso ao documento autêntico. De facto, nos manuais avaliados pudemos constatar que o recurso ao documento autêntico é por si só limitado e escasso, sendo que os aspetos socioculturais são frequentemente introduzidos através do recurso a documentos forjados.

Em *Espaços* somos imediatamente confrontados com uma fotografia ou pintura de lugares, cidades ou aspetos culturais de Portugal, Brasil e África, sendo que na unidade dezasseis a imagem é retirada de um quadro alusivo aos Descobrimentos.

Todas as unidades são compostas por uma ilustração referente ao diálogo entre os quatro amigos adolescentes que vão passeando por Lisboa e por Portugal ao longo do livro, numa tentativa de assim dar a conhecer ao aprendente algumas das tradições a nível linguístico ou social, incluindo também tradições nacionais e/ou regionais ou hábitos alimentares, havendo aqui espaço para a introdução de termos da gastronomia nacional portuguesa, como é o caso do termo *bica* para um café expresso ou de vocabulário específico como são exemplo os *rissóis de camarão*. Por outro lado, há um cuidado evidente em localizar um termo gastronómico no seu espaço físico característico como é exemplo uma ida à zona de Belém em Lisboa para comer *pastéis de Belém*, tal como é possível ver na Imagem 1:



Imagem 1: conversa no bar da escola - *Espaços*

Em cada unidade há a preocupação de apresentar não apenas aqueles que são os símbolos e os valores culturais de Portugal Continental, mas dar também a conhecer aos aprendentes, através de textos e/ou letras de músicas, as características socioculturais mais marcantes de cada um dos países lusófonos. Para que tal seja possível, as autoras selecionaram uma série de textos de autores portugueses, brasileiros e de países africanos de expressão portuguesa, tentando dar a conhecer não só as características formais da língua, mas acima de tudo a geografia, a história, os costumes, as tradições, os hábitos, etc. Encontramos ainda alguns elementos humorísticos, sobretudo a nível de Portugal Continental, visto que estes são também eles parte integrante dos valores

socioculturais de uma língua. Há neste manual uma constante tentativa de transmissão de elementos socioculturais através dos diálogos que, embora forjados, aludem ao quotidiano dos portugueses, da sua vida cultural e familiar, dos hábitos alimentares, entre outros, embora não exista nenhuma referência direta ao “tipicamente português”.

Os documentos autênticos servem, na sua maioria, de complemento ao tema da unidade, através de fotografias de locais, pessoas, situações ou textos que tentam estabelecer a ponte entre o elemento sociocultural apresentado nos vários países da lusofonia, tal como podemos ver na Imagem 2.



Imagem2: O Carnaval do Brasil - Espaços

Esta e outras imagens constituem um exemplo de como os elementos estereotipados (carnaval do Brasil idêntico ao carnaval do Rio de Janeiro, tourada como manifestação cultural aceite por todos ou Natal como festa religiosa) são a imagem que os manuais devem evitar, uma vez que esta é aquela que a maioria dos falantes de herança guarda, e que embora seja uma imagem de espaços e tempos determinados não corresponde necessariamente ao quotidiano daqueles que vivem no seu país de origem.

Relativamente às tradições portuguesas, como é o caso da tourada, não encontra o aprendente grande referência às mesmas, ao contrário do que irá acontecer com o

manual *Português XXI*, embora sejam apresentados outros exemplos da cultura histórica portuguesa entre os quais Belém, o Coliseu dos Recreios, o ensaio da peça de Gil Vicente ou as gravuras de Foz Côa.

Concluindo, *Espaços* é um manual onde se procura estabelecer uma ligação entre as estruturas gramaticais introduzidas pelo diálogo forjado e os documentos autênticos. Nele as autoras introduzem informações de carácter sociocultural sobre as quais pretendem refletir não só elementos que dão a conhecer o mundo lusófono, mas também a cultura do seu povo e o seu modo de vida. Estamos perante um manual que transmite elementos dos países de língua oficial portuguesa e não apenas de Portugal Continental e regiões autónomas dos Açores e da Madeira, também observáveis nos textos finais que constituem o capítulo *Leituras*.

No manual *Portugais Première – Cours et Devoirs* os materiais autênticos apresentados são escassos, mas variados: fotografias, pequenos textos (de Portugal e do Brasil), pequenos artigos de jornais, letras de canções interpretadas por músicos e grupos reconhecidos, como são os *Rio Grande* ou Caetano Veloso.

Os elementos socioculturais vão sendo apresentados ao longo do manual, na sua grande maioria através de textos informativos e de diálogos, de maneira a dar a conhecer aos aprendentes de língua portuguesa não apenas o país e a sua população, mas muitas das suas características sociais e culturais. A presença destes elementos está diretamente relacionada com o facto de os seus autores tentarem estabelecer pontes entre a língua e a cultura, nomeadamente através da literatura, da imagem, da música, da publicidade, dos folhetos ou mesmo das ilustrações. O humor encontra-se representado nos documentos iconográficos, indo deste modo ao encontro do que é dito no QECR e exposto no início deste capítulo com uma constante preocupação em apresentar os elementos formativos do povo através da sua história, cultura, literatura e música.

De realçar é o facto de o manual introduzir no seu *corpus* não só excertos de autores portugueses, mas também brasileiros e dos países africanos de língua oficial portuguesa, dando desta forma a conhecer não unicamente o que é Portugal, mas também todos os outros países, à semelhança do que acontece no manual *Espaços*. A música e a literatura têm neste manual um papel de destaque, visto que uma das principais formas de transmissão de aspetos culturais é através da apresentação dos autores da literatura lusófona, como é o caso de José Eduardo Agualusa ou Manuel Alegre e de poetas como Fernando Pessoa (ver Imagem 3).

Cartas de amor

Todas as cartas de amor são
Ridículas
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras
Ridículas

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas

Mas afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas



Fernando Pessoa, *Poemas de Álvaro de Campos*

Imagem3: Poema de Fernando Pessoa - *Cours et devoirs*.

Através da música, os autores apresentam ao estudante o mundo da lusofonia e estabelecem pontos de convergência entre os vários países, como é exemplo o diálogo criado para a primeira unidade da terceira sequência, em que são dadas a conhecer figuras da música. Através de Amália, apresentam e definem o Fado como uma das tradições portuguesas e os Delfins servem de base à definição da imagem portuguesa mais moderna e atual.

A vida quotidiana, as relações interpessoais ou as convenções sociais estão presentes nos dois manuais que acabámos de apresentar, embora seja interessante que nenhum deles se restrinja à apresentação daqueles elementos e tradições que qualquer

um tem como estereótipo do seu próprio país – por exemplo as festas dos Santos Populares, as touradas, a religião e o Natal.

Português XXI é um manual onde em cada unidade há uma nítida intenção de apresentar uma determinada situação comunicacional, forjada ela mesma através de um texto ou de um diálogo introdutório. Deste modo, pretendemos sublinhar que a presença de materiais autênticos é neste manual diminuta, sendo que o objetivo da sua autora é, acima de tudo, preparar os aprendentes para as situações de comunicação, através dos temas propostos pelo QECR. Como tal, não descurou a apresentação dos elementos socioculturais da língua do dia-a-dia português, dos valores e crenças, das tradições ditas populares ou até mesmo das convenções sociais.

Não tendo sido preparado para suprir as dificuldades de uma comunidade aprendente específica, como era o caso dos dois manuais anteriormente analisados, *Português XXI* é um manual que, embora tente dar a conhecer um pouco dos outros países lusófonos, não tem como objetivo estabelecer pontos de comunicação entre os vários países lusófonos. O manual foca-se sobretudo em Portugal, e como tal acaba por destacar, na sua maioria, os elementos que constituem a cultura deste país e até aqueles que mais estereotipados podem ser. Este é um manual pensado para dar a conhecer as situações de comunicação mais comuns e as suas regras sociais, através de textos que mostram ao seu utilizador o país e os seus locais de interesse histórico e cultural, as suas tradições populares, os seus costumes e os hábitos do povo.

Dos três manuais analisados, este é o único que dá destaque a elementos como a tourada portuguesa, história e situação atual, convidando o aprendente a exprimir a sua opinião sobre a mesma, mantendo-se fiel à Abordagem Comunicativa. É também o único a dar a conhecer as tradições natalícias do país nas suas várias regiões, mas sem nunca referenciar estas mesmas tradições nos outros países da lusofonia.

Dentro desta perspetiva podemos facilmente constatar que são estes os elementos que cada um dos falantes de herança mais facilmente identificará como a imagem perfeita do país de origem da sua família. Na realidade, estas imagens não representam necessariamente a atualidade, mas sim aquela imagem que cada falante tem do seu próprio país.

Este tipo de representação cria um imaginário que deverá, a nosso ver, ser desconstruído em sala de aula, de forma que os aprendentes busquem a imagem mais fiel e atual de cada um dos países de língua oficial portuguesa. Esta imagem é para os outros aprendentes a imagem primária do país da língua de aprendizagem, enquanto para os falantes de herança será o reforço de uma construção sociocultural errada e desatualizada que os manuais devem evitar a todo o custo.

Qualquer um destes manuais tem como objetivo primordial o desenvolvimento da capacidade de comunicação e dos aspetos linguísticos da língua. Os aspetos socioculturais têm aqui um papel diferente, não menos relevante, mas apresentados de maneira distinta. Embora qualquer um dos manuais inclua elementos alusivos à história, às tradições e aos hábitos, é dada uma perspetiva maioritária de Portugal, o que nos leva a afirmar que seria uma mais-valia futura se se desse ainda mais a conhecer sobre os restantes países da lusofonia.

Os aprendentes ficam a conhecer locais de interesse histórico e turístico e características intrínsecas do povo, como as regras para as refeições e os alimentos mais tradicionais, as tradições populares de maior destaque, alguma música, literatura e poesia, mas a questão que se coloca é se serão estes os elementos da civilização lusófona atual e se os mesmos poderiam ser apresentados de outra maneira, assim como alguns elementos propostos pelo QECR que são aqui esquecidos, muito provavelmente

por serem de difícil definição, como é o caso das crenças e valores sociais de âmbito geral.

Com exceção do manual *Portugais Première – Cours et Devoirs*, qualquer dos outros manuais por nós analisados têm, à semelhança do que tem sido a tendência global no ensino das línguas estrangeiras, outros elementos que os acompanham e completam, como é o caso do livro de exercícios ou do livro do professor. Não referimos os CD-Audio por estes estarem presentes nos três manuais, constituindo por si só mais um elemento de homogeneidade. Os CD-Audio têm o objetivo de desenvolver uma competência comunicativa, através das suas capacidades de compreensão e de produção do discurso oral. Para alguns estudiosos, estes são textos demasiado artificiais, mas que na nossa opinião têm uma finalidade de promover a oralidade na sala de aula e não de demonstrarem a realidade oral dos falantes nativos. Apesar de todos os autores referirem ter uma preocupação com os objetivos comunicativos que são à partida os objetivos de base na elaboração do manual, constatamos que na prática este é um objetivo de aplicação difícil, sobretudo se considerarmos que primam pela interligação e articulação dos vários conteúdos linguísticos e os conteúdos culturais que são para os autores a imagem dos falantes nativos da língua alvo.

A relação do *Portugais Première – cours et devoirs* com os elementos culturais afasta-se propósito anunciado pelas suas autoras - dar a conhecer a realidade do século XXI. Isto porque as fotografias a que recorreram são na sua maioria antigas e bastante próximas da imagem errada que os falantes de herança guardam das fotografias de família e das memórias dos seus pais e avós. Consequentemente, parece-nos prudente que durante a seleção destes materiais de cariz sociocultural, os autores de manuais tenham em mente a necessidade de incluir elementos da atualidade, sabendo à partida que muitas vezes estes irão entrar em conflito com a imagem que os aprendentes de

herança têm do país, mas que contribuirá de forma inequívoca para um crescimento do conhecimento real da língua, do povo e da cultura atual.

Os manuais de língua estrangeira são fundamentais para a desconstrução das ideias pré-concebidas pelos aprendentes de herança, como por exemplo é o caso do uso de uma camisola interior, o bigode tipicamente português, a inexistência de casa de banho dentro da casa principal e de eletricidade, a falta de acessos alcatroados, as mulheres com bigode e sempre vestidas de preto em Portugal ou sempre de biquíni ou seminuas no Brasil. Note-se que esta construção imaginária de uma cultura surgirá sempre que os manuais contiverem elementos desatualizados que cristalizarão estas ideias no grupo visado, e construirão uma ideia nos outros aprendentes que dificilmente será desconstruída pelos professores na sala de aula, e como tal, é imperativo a introdução de elementos socioculturais que deverão entrar em choque com as ideias que os falantes de herança têm do país de origem dos seus antepassados, mas que constituirão a recriação de uma imagem fiel e atual.

Considerações Finais

O ensino das línguas estrangeiras é hoje olhado como uma necessidade básica que tem como objetivo primordial dar resposta às necessidades comunicativas (Abordagem Comunicativa) entre as várias nações, linguística e culturalmente distintas. É nesta base que surge o *Quadro Europeu Comum de Referência*, definido pelos seus autores como obra resultante da necessidade expressa pelo Conselho da Europa e que passa por “*conseguir maior unidade entre todos os seus membros, atingindo-se este objectivo com a adopção de uma acção comum na área da cultura*”. (Conselho da Europa, 2001)

À semelhança do caso norte-americano, o português língua estrangeira em França é muitas vezes associado ao ensino das primeiras letras e palavras como se de uma língua materna se tratasse, num contexto inicial de imigração em que a língua esteve inicialmente associada às escolas primárias e vista pelos outros como uma língua marginal, o que afetou o seu desenvolvimento enquanto língua estrangeira de interesse para o país em causa, tal como tão bem ilustrou Solange Parvaux (1989).

Pensamos que em qualquer país em que uma língua estrangeira seja ensinada, deverá haver a preocupação na criação de manuais dessa língua, da autoria de membros da comunidade de ensino que conheçam bem os vários públicos aprendentes, como é o caso francês e o caso americano, de forma a atingir o seu objetivo primordial que é o sustentar um ensino de sucesso desta e outras línguas minoritárias.

A análise por nós realizada permitiu-nos constatar que não houve uma evolução homogénea em termos de publicação de manuais em França, mas houve, sem dúvida, uma evolução positiva (Parvaux, 1989), sobretudo no que diz respeito à publicação levada a cabo pelos editores daquele país, assim como no número crescente de manuais que têm vindo a surgir. Vivemos pois, numa época pluricultural e plurilinguística, sendo importante e até mesmo imprescindível que não esqueçamos que o português é uma das línguas mais faladas em todo o mundo.

Na nossa análise, procurámos dar resposta à problemática da imagem cultural que os falantes de herança guardam do país e concluímos que esta pode ser uma imagem distorcida e desatualizada, pois estamos perante um conhecimento sociocultural que em nada tem a ver com a realidade do país (Brasil, Portugal, ou Países Africanos de Expressão Portuguesa) de há 30 ou 40 anos. A conceptualização que estes aprendentes têm destes países é normalmente baseada nas histórias e memórias dos seus avós, pais, tios e outros que guardam na memória a imagem do país ou região que abandonaram

antes da aventura da emigração e que constitui muitas vezes uma imagem até saudosista.

Sabemos hoje que muitos destes falantes raramente regressaram ao seu país e pouco contacto mantiveram com a realidade, e como tal não tiveram acesso à atualidade sociocultural que caracteriza o país no nosso século. Se os manuais preterirem os elementos atuais perante aqueles elementos estereotipados, então estarão a contribuir para a manutenção de uma imagem errónea destes países, o que nos leva a crer que é urgente, nestes e noutros manuais, que se faça uma atualização de todos os elementos introdutórios da realidade social destes países, não somente para os alunos de herança, mas de modo geral para todos aqueles que aprendem a língua e que sabem que o seu conhecimento depende também da compreensão e confrontação destes elementos com aqueles que têm do seu país de residência e/ou origem.

Por este facto, pensamos que não será unicamente no caso francês que a sua promoção e divulgação devam ser feitas, mas em todo o mundo, sendo que para nós é facto de especial realce que em França o Português tem um lugar de destaque, em tudo comparável ao seu estatuto em vários estados dos Estados Unidos da América (Stephens, 1989), não só a nível do número de falantes de origem portuguesa, mas sobretudo por se revelar uma língua de interesse de aprendizagem dos habitantes. A língua portuguesa é hoje vista como importante língua de comunicação a nível profissional e pessoal, e deste modo, é a partir dos manuais publicados nos vários países, que uma melhor e maior aproximação entre as diferentes culturas linguísticas poderá ser feita de maneira produtiva e eficaz.

Obras Citadas

- Awasthi, J R. (2006). Textbooks and its evaluation. *Journal of NELTA* (11): 1-10. [Online]. Available at <http://www.nelta.org.np/journals/2006.pdf>.
- Ballesta, O., Beaucamp, F., Levécot, A., Parvaux, S. (1998). *Espaços initiation au portugais Lv2-Lv3*. Paris e Bordeaux: ADEPBA Centre Régional de Documentation Pédagogique d'Aquitaine.
- Bertoletti, M. & Dahlet, P. (1989). Manuels et matériels scolaires pour l'apprentissage du FLE. Ebauche d'une grille d'analyse. *Le français dans le monde* (55-63). Paris: Hachette.
- Carreira, M., & Kagan, O. (2011). The results of the National Heritage Language Survey: Implications for teaching, curriculum design, and professional development. *Foreign Language Annals*, 44, 40-64.
- Choppin, A. (1992). *Les manuels scolaires*. Paris: Pédagogies pour Demain, Hachette.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*. Rosário, M., Soares, N. (Trad.). Porto: Edições Asa.
- Dionísio, A. & Bezerra, M. (2001). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Feuerverger, G. (1991). University students' perceptions of heritage language learning and ethnic identity maintenance. *The Canadian Modern Language Review/La Revue Canadienne des Langues Vivantes*, 47, 660-677.
- Gauthier, S. & Santos, D. (2002). *Portugais Première - cours et devoirs*. Rennes: Centre National d'Enseignement à Distance.
- Germain, C. (1993). *Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris: CLE International.
- Grosso, M. (2007). *O discurso metodológico do ensino do Português em Macau a falantes de língua materna chinesa, dissertação de doutoramento*. Macau: Universidade de Macau.
- Hutchinson, T. & Torres, E. (1994). The textbook as agent of change. *ELT Journal*, 48, 315-328.
- Johnsen, E. (1993). *Textbooks in the kaleidoscope. A critical survey of literature and research on educational texts*. Oslo: Scandinavian University Press.
- Kramsch, C. (1988). The cultural discourse of foreign language textbooks. In A. Singerman (ed.). *Toward a new integration of language and culture. Northeast Conference Reports 1988* (pp. 63-88). Middlebury, Vermont: Northeast Conference.

- Parodi, C. (2008). Stigmatized Spanish inside the classroom and out. In D. Brinton, O. Kagan, and S. Bauckus (eds.), *Heritage language education: A new field emerging* (pp. 199-214). London and NY: Routledge.
- Parvaux, S. (1989). L'enseignement du portugais en France (dans le second degré). In Marques, M. (ed.). *Congresso sobre a investigação e ensino do Português. Lisboa, 18 a 22 de Maio, 1987: Actas* (pp. 126-138). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Ribeiro, A. (1991). Manuais didácticos, desenvolvimento curricular e inovação educativa. In Actas, *Português como língua estrangeira (273-288)*. Macau: Direcção dos serviços de educação, Fundação de Macau, Universidade da Ásia Oriental, Instituto do Oriente.
- Séférián, M. (1995). Using photographs in foreign language teaching. In: *Text and Quality*. Studies of Educational Texts. Scandinavian University.
- Stephens, T. (1989). Language maintenance and ethnic survival: The Portuguese in New Jersey. *Hispania*, 72, 716-720.
- Tavares, A. (2008). *Ensino/aprendizagem do Português como língua estrangeira*. Lisboa: Lidel.
- Tavares, A. (2004). *Português XXI*. Lisboa: Lidel.
- Valdés, G. (2001). Heritage language students: Profiles and possibilities. In J. Peyton, D. Ranard & S. McGinnis (eds.). *Heritage languages in America: Preserving a national resource* (pp. 37-77). Washington, DC: CAL.
- Valdés, G. (2005). Bilingualism, heritage language learners, and SLA research: Opportunities lost or seized? *The Modern Language Journal* 89, 410-426
- Zarate, G. (1986). *Enseigner une culture étrangère*. Paris: Hachette.